

DEVOTOS DA IDENTIDADE E AUTÊNTICO FALSIFICADO. A PROPÓSITO DE *A DITADURA DAS IDENTIDADES*¹

Sabine PROKHORIS²

Resumo: Nossa época foi tomada por uma loucura identitária em todos os sentidos, que invade e contamina, deturpando-a, qualquer reflexão sobre as questões relativas à sexualidade, às mulheres, ao «feminino», e isso em uma denegação reivindicada do inconsciente, esse perturbador das identificações. A partir da leitura do ensaio de Laurent Dubreuil, *La dictature des identités*, propomos uma reflexão sobre os impasses aos quais conduz essa ideologia vitimizante.

Palavras-chave: Censura; Identidade; Mulheres; Gênero; Sacralização; Vulnerabilidade; Minorias.

Résumé: L'époque est saisie d'une folie identitaire tous azimuts, qui envahit et contamine, en la faussant, toute réflexion sur les questions touchant à la sexualité, aux femmes, au « féminin ». Cela dans un déni revendiqué de l'inconscient, cet empêchement de s'identifier en rond. À partir de la lecture de l'essai de Laurent Dubreuil, *La Dictature des identités*, on proposera une réflexion sur les impasses auxquelles conduit cette idéologie victimaire.

Mots-clés: Censure; Identité; Femmes; Genre; Sacralisation; Vulnérabilité; Minorités.

I. PREÂMBULO

« [...] a moral disso é : Seja o que você gostaria de aparentar ser ; ou, para falar mais simplesmente : Não se imagine diferente daquilo que pudesse parecer a outrem que você fosse ou pudesse ter sido permanecendo idêntica ao que foi sem jamais parecer outra do que aquela que você não foi antes de se ter tornado o que você é».

Lewis Carol (*Alice no país das maravilhas*)

Preparando um artigo para uma revista psicanalítica sobre a «sexualidade feminina» - questão de «natureza feminina», ou de localização, não necessariamente fixa, justamente, na

¹ Todos os direitos reservados. O presente artigo, inédito em português, foi originalmente publicado na revista psicanalítica *Le Coq-Héron*, n.º 241: *Peut-on encore parler de sexualité féminine?*, érès, 2020, p. 10-20, sob o título «Dévots de l'identité et authentique en toc. À propos de *La dictature des identités*» (tradução de Eva Landa).

² Sabine PROKHORIS é filósofa e psicanalista, autora de vários livros, como *L'Insaississable Histoire de la psychanalyse*, Paris, PUF, 2014 e *Au bon plaisir des «docteurs graves»*. *À propos de Judith Butler*, Paris, PUF, 2017, além de artigos em revistas psicanalíticas e jornais franceses.

sexualidade, cuja compreensão Freud renovou -, que aborda, pois, certos questionamentos contemporâneos relativos à sexualidade, ao «feminino» e às mulheres, escolhi apresentar uma resenha de um admirável ensaio recentemente publicado sob o título de *A ditadura das identidades*³.

E isso porque atualmente, no que se refere à questão sexual, a tentação de assujeitá-la à problemática nada freudiana da «identidade» invade muitos discursos proferidos em nome do «feminismo» e dos caminhos da sexuação. A sexualidade como relação em movimento ao desejo, ao prazer e às figuras do gozo torna-se a partir daí «as sexualidades»: retorno às classificações coisificantes.

Tudo isso denota um esquecimento inquietante - repressão? denegação? - da reflexão freudiana sobre o sexual, essa dimensão enigmática da existência humana que ultrapassa largamente e inquieta incessantemente o sexuado. Esquecimento associado a um desconhecimento crescente dessa questão fundamental da psicanálise, assim resumida por Freud ao evocar o ato interpretativo: em substância, compartilhar a responsabilidade da incerteza⁴.

Incerteza, efetivamente, em particular nas paragens dessa questão.

Pois quanto ao «masculino» e ao «feminino», estejamos atentos para não esquecer o que nos diz ainda Freud: é indispensável reconhecer que esses dois conceitos, cujo conteúdo parece tão evidente ao senso comum, fazem parte das noções mais confusas da área científica.⁵ Segundo ele, a psicanálise não pode esclarecer a essência do sentido convencional ou biológico do que se nomeia «masculino» ou «feminino», apenas retoma e utiliza esses conceitos⁶.

A quais impasses nos conduz a tentação da rigidez identitária? Um exemplo recente esclarecerá esse ponto, exemplo que menciono para explicar porque decidi levar ao conhecimento dos leitores o livro de Dubreuil.

Trata-se de uma guerra, certamente uma estranha guerra, acompanhada de ameaças de morte, entre «feministas radicais» lideradas pela ex-Femen Marguerite Stern, na origem de uma campanha de cartazes contra os «femicídios», e militantes trans, que consideram que certos combates tradicionais do feminismo, como o combate pelo direito ao aborto, por exemplo, «discriminam» as segundas.

As últimas reivindicam serem «verdadeiramente» mulheres, porque escolheram sê-lo, o que as mulheres ditas «cisgênero» lhes recusariam. As primeiras, igualmente radicais e autoritárias, explicam que o fato de terem «nascido com uma vulva» é o que as define sem maior discussão como «verdadeiras» mulheres. Simone de Beauvoir, socorro! São aliás as mesmas que, utilizando o termo «femicídio», consideram abusivamente que nos (evidentemente demasiado numerosos) crimes conjugais, as mulheres são mortas *porque* são mulheres, confundindo assim correlação e causalidade. Certamente, esses crimes estão *correlacionados* ao fato que, no relacionamento de gênero, as mulheres são consideradas propriedade exclusiva de seus maridos. Mas para falar de «femicídio» (no sentido empregado por essas militantes), seria

³ DUBREUIL, L., *La dictature des identités*, Paris, Gallimard, 2019.

⁴ FREUD, S., «Le Moïse de Michel-Ange », *L'Inquiétante étrangeté et autres essais*, Paris, Gallimard, 1985, p. 123.

⁵ FREUD, S., *Trois essais sur la théorie sexuelle*, Paris, Gallimard, 1991, p. 161.

⁶ FREUD, S., « Sur la psychogenèse d'un cas d'homosexualité féminine », *Névrose, psychose, perversion*, Paris, Puf, 1973, p. 336.

preciso que um homem matasse sistematicamente toda mulher a seu alcance, em razão de seu sexo (gênero). Certos crimes desse tipo, como uma matança visando exclusivamente mulheres, ocorrida há vinte anos no Canadá, merecem, sim, tal qualificação.

De parte e outra, o que chama a atenção é a reivindicação de ser «autenticamente» mulher: ora a autenticidade tem como fonte a anatomia, ora origina-se na escolha. Em ambos os casos, presas de um lado na armadilha do feminismo de gênero e de outro numa visão naturalista pré-freudiana sobre a questão sexual, há total esquecimento do inconsciente, que sempre desfaz as atribuições identitárias. Atribuições travadas pela paixão de auto-atribuição que hoje triunfa em toda parte, vitrificadora dos transtornos e movimentos imprevisíveis da sexualidade. Para cada um de nós.

II. UMA REFLEXÃO VINDA DO OUTRO LADO DO ATLÂNTICO

Ao mesmo tempo que atingia seu auge a polêmica em torno da encenação, supostamente «racista», da peça *As Suplicantes* dirigida por Philippe Brunet⁷ – a tragédia de Ésquilo, ela mesma, sob suspeita -, polêmica muito eficazmente orquestrada por ruidosos grupúsculos identitários/racialistas que não hesitaram em impedir fisicamente a representação prevista na Sorbonne⁸, aparecia um breve e vivo ensaio de filosofia política escrito por Laurent Dubreuil, cujo título é sem equívoco : *A ditadura das identidades*. O inquietante episódio das *Suplicantes*, poucos meses após uma campanha de *agit-prop* do mesmo teor a propósito de uma peça de Robert Lepage sobre a história das Nações Primeiras no Canadá, *Kanata*, interpretada, ó blasfêmia! não por «autóctones» ameríndios⁹, mas pela companhia do Théâtre du Soleil, oferecia-nos a ilustração direta da aberração intelectual e política constituída pelo que Laurent Dubreuil, em seu saudável e impactante ensaio – claramente um livro de intervenção, altamente bem-vindo – descreve como «política de identidade», traduzindo assim a expressão americana *identity politics*. Desde as primeiras páginas de sua obra, com admirável precisão e constantemente atento a fundamentar o que avança, o autor explica ademais sua escolha de tradução:

« Enquanto *politics of identity* existe – e corresponde perfeitamente a *política da identidade* – esse sintagma, desde o final dos anos 70, nunca foi tão utilizado quanto o de *identity politics*. Isso porque a colisão imediata dos dois termos designa melhor o objetivo. Não se trata com efeito de «politizar» as identidades, nem de «tomá-las em conta»

⁷ Racista e «colonialista» em razão de um suposto *blackface*.

⁸ A representação ocorreu finalmente no Grande Anfiteatro da Sorbonne, sob forte proteção policial, após dois meses durante os quais os identitários mantiveram-se no topo em termos mediáticos.

⁹ Desde então, eis que se descobre que a pessoa à testa da denúncia do projeto *Kanata* não era uma autêntica « autóctone » :

<https://ici.radio-canada.ca/espaces-autochtones/1509375/autochtone-identite-usurpation-lorange>

<https://ici.radio-canada.ca/espaces-autochtones/1512252/legitimite-autochtone-identite-philippe-meilleur-tanya-sirois-isabelle-picard-appropriation>

(como quando se fala de «política da família»). A questão é refundar totalmente a política sobre a identidade [...] ¹⁰».

« Refundar totalmente a política sobre a identidade » : um projeto político de policiamento sem resto nem escapatória, que pretende fixar - em suma, condenar -, de uma boa vez por todas, cada um às situações que supostamente definem o que se é. De semelhante ontologia carcerária, essa política pretende deduzir uma mecânica, necessária e obrigatória, que deve reger - explicar e ordenar - o comportamento de uns e outros: cada um agirá assim como um valente soldadinho de chumbo da identidade, nas batalhas das quais o mínimo que se pode afirmar é que a questão da emancipação dos sujeitos políticos, assim como a das condições de um mundo compartilhado para além das histórias e pertencimentos de uns e outros, se encontram aí singularmente ausentes. « A política da identidade nos diz : "Você é isso, eu sou aquilo, portanto você pensa isso e eu pensarei aquilo" ¹¹, resume L. Dubreuil. Inútil pretender buscar mais além e quanto à imaginação, pode passar mais tarde.

Laurent Dubreuil – que vive nos Estados Unidos, onde é professor (universidade de Cornell) – descreve, através de vários exemplos, esse *admirável mundo novo* que, « da América até aqui, está se tornando nosso horizonte comum », adverte. Trata então, neste seu ensaio, de colocar em evidência as lógicas absolutistas e circulares – tautológicas, em suma –, que, por serem indigentes e até risíveis ¹², não são menos violentas. Interdição, em todos os domínios «culturais» – inclusive culinário –, de autorizar a ultrajante « apropriação cultural », sob pena de represálias vingativas e culpabilizadoras. O injustificado processo movido contra *Kanata*, que evocamos no princípio (com o qual L. Dubreuil conclui seu ensaio), demonstrou bem a capacidade de prejuízo material ¹³ e ideológica dessas milícias identitárias : pudemos escutar na rádio France Culture uma jornalista, é verdade que particularmente inculta, mas que tinha ingurgitado, ao que parece, o catecismo de *Descolonizar as artes* ¹⁴, enunciar com inaudita arrogância que o espetáculo interpretado pela companhia de Ariane Mnouchkine era um espetáculo «fascista»...

A política de identidade será assim analisada de um lado a outro como «despotismo». Um despotismo que repousa, segundo L. Dubreuil, sobre uma representação inteiramente *determinista* das relações sociais e das subjetividades nelas inscritas, acompanhada por uma fraseologia tingida de moralismo-psicossentimental sobre a «ferida narcísica», que sustenta por um lado a validade do universo sem *clinamen* ¹⁵ do identitarismo e, por outro, os meios de sua *censura* – polícia do pensamento (e da ação), encarregada de guardar intacta – pura, em suma, de qualquer ameaça de heterogeneidade -, a ortodoxia identitária.

¹⁰ DUBREUIL, L., *La dictature des identités*, Paris, Gallimard, 2019, p. 18.

¹¹ *Ibid*, p. 23.

¹² *Ibid*, p. 9 e seguintes, sobre uma campanha mediática inflamada contra a apropriação cultural culinária do *bánh mì* (infelizmente, esse prato «autenticamente» vietnamita vinha, como seu nome indica, do «pain de mie», um equivalente do pão de forma... francês.) Autenticidade colonizada...

¹³ Todos os produtores do Quebec retiraram-se do projeto, foi necessária a tenacidade e a coragem de Ariane Mnouchkine, com a ajuda do Festival de Outono, para que uma das três partes da peça pudesse apesar de tudo concretizar-se.

¹⁴ Associação dirigida por Françoise Vergès.

¹⁵ No livro II (p. 214 e seguintes) do *De rerum natura*, de Lucrécio, o *clinamen* é esse ligeiro desvio na trajetória retilínea dos átomos, que tem por efeito chegar a «romper os decretos do destino». A ação humana é por vezes um tal *clinamen*, rompendo imprevisivelmente os determinismos.

Nos termos desse novo e um tanto sinistro evangelho, que repousa entre outras coisas, como analisa o autor, sobre as operações do que denomina «as manufaturas do mesmo», designando por essa fórmula os efeitos abrasivos de formatação dos espíritos pelo sistema tentacular das redes sociais e seus algoritmos, fonte de uma servidão voluntária moderna, o valor principal é a «autenticidade». Autenticidade que verificará (e acorrentará) a conformidade imperativa dos indivíduos ao destino traçado por um «*verdadeiro self*» – cujos critérios são, contudo, extraordinariamente padronizados, a mil léguas de qualquer singularidade imprevisível – segundo uma vulgata de desenvolvimento pessoal que mistura, como observa L. Dubreuil, psicoterapia (pobremente) inspirada em Donald Winnicott e mística religiosa¹⁶, vulgata suposta assegurar contra qualquer risco de adulteração do eu.

Trava identitária por excelência, a autenticidade, valor fixo, desvela sua exclusiva inscrição, a única válida, na temporalidade histórica: nada de mutações, transformações, evoluções imprevisíveis possíveis das trajetórias individuais, exceto em caso de falha, ou pior, traição das exigências invariáveis do deus «Identidade». Onde os impasses aos quais certos destinos intensamente militantes da identidade nua e crua podem, às vezes, serem confrontados: como a edificante história de Michael Glatze relatada por L. Dubreuil, sucessivamente «verdadeiro» gay, depois igualmente «verdadeiro» budista, mormon, evangélico, pregador de seita (evidentemente convertido à heterossexualidade), «eu» enfim revelado (qual, por favor, é o bom?), que evidentemente «conhece a verdade» (e como deve ser, prega-a); do que ficar perplexo. Onde diabos ESTÁ, pois, a identidade «autêntica» – e onde a ilusão (e outras astúcias do Demo)?

Tratando-se da autenticidade, entretanto, essa irrecusável e imperativa prova da identidade, poderíamos talvez notar de passagem que trata-se aqui, igualmente, recuperado e reciclado (apropriação cultural?) por todas as vulgatas psicomísticas que se queira, de um conceito-chave do discurso heideggeriano. Sem valor propriamente psicológico, o «ser-no-mundo» autêntico adquire aí um sentido ontológico, substrato de um pensamento completamente essencialista. Esse pensamento, que liga em uma indefectível unidade o Ser, o solo, a língua, a verdade e a origem, disseminou-se sob diversas formas, principalmente na filosofia francesa e em seguida, através diferentes canais e idas-e-vindas, do outro lado do Atlântico, nos pensamentos auto-proclamados «radicais».

III. MECANISMOS DA IMPOSTURA IDENTITÁRIA

Não é possível, no quadro desta nota de leitura, desenvolver esse ponto. Mas é preciso assinalar esse aspecto, pois a respeitabilidade que tal herança supõe conferir - mais ou menos codificada, mais ou menos transformada - é o passaporte de um discurso com uma certa coloração filosófica, que constrói as mais indigentes e contorsionistas teorias da «subversão» pela graça da autenticidade autêntica (o pleonasma grosseiro valendo Revelação). Indigentes e politicamente enganosas, pois a «revolução» que ruidosamente proclamam revela-se, a um olhar mais atento, profundamente conservadora.

Aí reside sem dúvida um ponto não negligenciável, se queremos dar-nos conta da trama subjacente aos números de prestidigitação do identitarismo butleriano, que se quer múltiplo e «subversivo» nos valores do *queer* e da paródia, pretendendo assim oferecer uma espécie de saída ao estranho imobilismo palinódico de um Glatze, mas que não deixa de ser um

¹⁶ L. Dubreuil refere-se assim aos escritos do monge trapista Thomas Merton.

identitarismo, como observa com justeza L. Dubreuil¹⁷. Efeito ilusório, na realidade e a saída de emergência é bem um muro maciço. O que se torna intelectualmente - e politicamente - bem evidente, ao examinar-se a maneira coisificante e totalmente despida de capacidade de elaborar qualquer análise dinâmica com que Judith Butler concebe a questão das «minorias» - representação que opera como passagem forçada de toda identidade. Tudo isso através de uma especulação pseudo-dialética, igualmente à obra em sua dedução particularmente fechada - e inconsistente - do «gênero», onde um mero raciocínio circular se toma por uma genealogia. As tomadas de posição políticas - identidade «cultural» contra universalismo, visto como um «provincialismo» ocidental, defesa das especificidades «culturais» da religião (no caso muçulmana, por ser esta detentora de uma autenticidade comprovada pela ferida infligida pelo Grande Satan ocidental) - que são a consequência dessa sopa intelectual rala, tornam ainda mais patente que é bem de identidade que se trata nesse arsenal teórico (de má qualidade, porém atualmente eficiente no mercado das ideias contemporâneas). Daí resulta a exigência butleriana, singularmente obscura, de «tradução cultural» - que ameaça transformar-se muito rapidamente em uma guerra de identidades, e outros processos, mais ou menos ferozes, em provas irrefutáveis de legitimidade.

As controvérsias que explodiram nos Estados Unidos sobre a questão da identidade de «raça» - dada ou podendo ser objeto, como o «gênero», de um *passing* ? -, excelentemente analisadas em seu livro por Laurent Dubreuil¹⁸, especialmente no célebre caso de Rachel Dolezal, falsa-verdadeira Negra, esclarecem impiedosamente as aporias cruéis em que desemboca inevitavelmente a atribuição identitária.

Isso vale igualmente para todos os discursos particularmente autoritários em sua ortopraxia reivindicada, que proliferam como algas em torno do que se relaciona à «identidade de gênero», mesmo sob a suave etiqueta de identidade *gender fluid*. Discursos aprisionados na cândida (mas não menos despótica) crença que saberíamos muito bem «o que são uma mulher, um homem e seus corpos «de gênero»¹⁹», observa com justeza e alguma ironia L. Dubreuil, que nos oferece nesse ponto páginas de uma liberdade inspirada sobre os percursos de transição, cirúrgica ou não, que certas pessoas decidem escolher – o que é bem seu direito, e não deve ser considerado como sinal de desordem psíquica, nem tampouco militância de excepcionalidade identitária²⁰. Poder-se-ia acrescentar, a esse respeito, que tais percursos, quando conseguem emancipar-se da violência das injunções identitárias que se abatem sobre eles, violência que não deve nada à brutalidade das rejeições que sofrem socialmente, demonstram a insigne futilidade da distinção entre *cis* e *trans* em se tratando do «gênero», como da questão sexual em seu conjunto. Reler *Orlando*²¹. Qual dito «*cis*», em efeito, não resulta em realidade, psiquicamente falando, de um percurso «*trans*» mais ou menos aleatório – que se ignora? É verdade que os discursos identitários não tem o que fazer do inconsciente, que impede de identificar-se em círculos...

¹⁷ *Ibid*, p. 46 e seguintes. Sobre essa questão na obra de Judith Butler, permito-me remeter o leitor a meu trabalho: PROKHORIS, S., *Au bon plaisir des «docteurs graves» - À propos de Judith Butler*, Paris, Puf, 2017.

¹⁸ DUBREUIL, L., *op. cit.*, p. 48 e seguintes. Sobre essas questões, ler ou reler o vertiginoso romance de Philip Roth: ROTH, P., *La Tache (A Marca Humana)*, (2000), trad. Josée Kamoun, Paris Gallimard, 2004.

¹⁹ DUBREUIL, L., *op. cit.*, p. 57 e seguintes.

²⁰ Ainda que uma devoção dessa ordem à causa identitária pareça animar certos ícones militantes sobre esse tema, Paul. B. Preciado por exemplo.

²¹ WOOLF, V.(1928) *Orlando*, trad. Catherine Papo-Musard, (1993), Le livre de poche 1982.

Como sempre, a literatura nos ensina aquilo que abordagens pesadas nos levam frequentemente a desconhecer.

« Performatizar » sua identidade, tornar-se seu homem-sanduiche, tal é o projeto político, de natureza publicitária mas também, sob varios aspectos, sacrificial –, que fará do mundo um vasto entreposto, tipo *Amazon*, de identidades produzidas em série. Cada uma em sua prateleira, à custa de nomenclaturas dignas - sem o humor, esse crime – da taxinomia de Borges, citada por Michel Foucault no começo de *As palavras e as coisas*²². Classificações laboriosas (e muito pouco poéticas, contrariamente às da enciclopédia chinesa de Borges !), que siglas extensivas (como: LGTBQIA+, ou ainda LGBTTIQQ2SAAP²³) encarregar-se-ão de indexar na vasta e hesitante burocracia das identidades²⁴. Com vistas, entre outras coisas, a promover a famosa «interseccionalidade» (também designada por J. Butler como « aliança das minorias »), cuja irremediável impotência deverá forçosamente ser reconhecida desde que emerja um conflito qualquer entre «identidades minoritárias», devidamente etiquetadas como tais. A desventura no ano passado de Avital Ronell, eminente professora mulher e lésbica, acusada no contexto de #metoo de assédio sexual por um estudante gay, fornece uma patética demonstração. Supremo detalhe : o ruidoso apoio à sua colega da parte de J. Butler, voando em seu socorro como Zorro, através de uma surpreendente carta aberta endereçada às autoridades universitárias, onde se entrelaçavam argumentos dignos em todos os pontos daqueles produzidos em defesa de Harvey Weinstein²⁵.

A identidade - e aí reside o mecanismo principal e imbatável tanto de sua sedução que de sua ditadura -, é «vulnerável». Será tanto mais autêntica e exigente na medida em que se apresentará como ofendida, ferida, traumatizada. Laurent Dubreuil dedica algumas das páginas mais fortes e vibrantes de seu ensaio a essa unção pela ferida, que consagra religiosamente, não sem ressonâncias crísticas, o caráter sagrado da identidade gloriosa porque vitimizada.

« Sim, somos vítimas desoladas. Sim, permanecemos vulneráveis. Sim, sofremos vergonha e humilhação. Vejam a ferida em nosso flanco e os estigmas nas palmas de nossas mãos. A formação psíquica da identidade é condicionada pela ferida (wound) que parece incurável mas encontra alívio temporário na censura e denunciação. [...] A postura americana da dor grandiloquente tem, sob difusão técnico-mediática, encontrado o clássico Eu acuso

²² FOUCAULT, M., *Les Mots et Les Choses*, Paris, Gallimard, 1974, p.7 e seguintes, a propósito de uma «certa enciclopédia chinesa» onde está escrito que os animais se dividem em « a) pertencentes ao Imperador, b) embalsamados, c), domesticados, d) leitõesinhos, e) sereias, f) fabulosos, g) cachorros soltos, h) incluídos na presente classificação, i) que se agitam como loucos,... »

²³ Tradução da p. 15 do livro de L. Dubreuil.

²⁴ Sobre esse tema ver, no filme de Howard Hawks *I was a male war bride* (1949), sutil e cômica reflexão sobre as armadilhas da «identidade de gênero » perturbada pelo amor, onde Ladies na porta dos toaletes será lido com a perplexidade intimidada que se impõe como L.A.D.I.E.S , seguramente uma mui séria sigla diplomática-militar a ser urgentemente decifrada...

²⁵ Argumentos aos quais alguns, dentre os universitários de renome de todas as partes do mundo que associaram sem medo do ridículo suas augustas assinaturas, acrescentaram algumas pérolas como: o estudante gay em questão estava «protegido pelo casamento». Do que, precisamente ? Mistério.

do intelectual francês, cuja função está doravante em liquidação no mercado das idéias²⁶. »

Severa constatação, cuja justeza se pode observar quotidianamente ao percorrer os jornais. Lá onde um Erving Goffman, em sua análise do estigma e do teatro social em seu conjunto, descrevia, com sutileza e um humor fatal a todas as certezas quanto à consistência de qualquer identidade, a vulnerabilidade dos *contextos* da experiência – fonte ao mesmo tempo de inquietude e alívio²⁷ –, a retórica da vulnerabilidade das identidades opera em sentido completamente inverso. Nenhum movimento possível, apenas a exibição acusadora da «ferida», obstinadamente mantida para fins políticos cujo lema principal é a ruminação sem fim do puro ressentimento²⁸.

« Em nossa *identity politics*, que tende a evacuar o livre arbítrio, o sofrimento vem em primeiro lugar e é indelével. Paradoxo : se a ferida cicatrizasse, a identidade se enfraqueceria ou seria reabsorvida. Os grupos de apoio só dispõem de uma solução para perdurar: manter a neurose e o sofrimento. ²⁹»

Podemos ver o movimento circular, a repetição tatuando, como a máquina da *Colônia penitenciária* de Kafka, o traumatismo indelével : única carta de identidade realmente válida.

Destinos singulares e coletivos em involução, por consequência, o espaço de liberdade de pensamento, de palavra, de ação e de criação de cada um vendo-se mais e mais reduzido, pois, em sua «identidade», vulnerável e, portanto, sacralizada, cada um poderá sempre encontrar-se em situação de vítima «traumatizada» de alguém. Nenhuma salvação possível, pois, fora da denúncia massiva de uma parte e da censura de outra.

IV. MULHERES E RACISADOS PRIMEIRO? IMPASSES³⁰

Certas « identidades » feridas, mais mediagênicas que outras e mais lucrativas no mercado político-moralista, estiveram esses últimos tempos à frente da cena : os « racisados » por um

²⁶ DUBREUIL, L., *op. cit.* p. 66.

²⁷ Ver em particular as seguintes linhas : « Muitas pessoas cometem ofensas situacionais. A sociedade estaria aliás bloqueada, sem esperança, se não abrigasse tais desvios. [...] Um ajuntamento social, mesmo frouxamente definido, permanece um aposento estreito: apresenta mais portas de saída e mais razões normais, de um ponto de vista psicológico, de querer atravessá-las do que podem imaginar aqueles cuja lealdade à sociedade situacional é inabalável. » GOFFMAN, E., *Comment se conduire dans les lieux publics*, (1963) ; trad. Daniel Cefaï, Economica, Paris, 2013, p. 202 e seguintes.

É evidente, e L. Dubreuil mostra-o muito bem, que a lealdade exigida pelo discurso identitário não suporta nenhum desvio...

²⁸ Antípoda de tal atitude, cuja esterilidade política se revela avassaladora em matéria de luta e de emancipação, podemos ler a bela entrevista com Fatou Diome : https://www.lemonde.fr/afrique/article/2019/08/25/fatou-diome-la-rengaine-sur-la-colonisation-et-l-esclavage-est-devenue-un-fonds-de-commerce_5502730_3212.html

²⁹ DUBREUIL, L., *op. cit.*, p. 70.

³⁰ O caso Mila demonstrou de maneira fulgurante os limites do feminismo dito «interseccional». Ver minha crônica : https://www.liberation.fr/debats/2020/02/13/mila-la-sorciere-et-les-automates_1778315

lado, fundo de comércio do discurso auto-proclamado «descolonial³¹», as mulheres por outro, constituídas enquanto espécie ameaçada, senão como «raça», de um modo cujos sinais se discernem tanto na controvérsia sobre a escritura inclusiva quanto em certas formas assumidas pelos movimentos #metoo et #balancetonporc, sem falar da utilização atual do termo bastante problemático e passavelmente irrefletido de «feminicídio», para qualificar os assassinatos de mulheres cometidos por seus ex ou atuais cônjuges.

Laurent Dubreuil aponta, em se tratando do movimento mundializado que seguiu o desencadeamento do caso Weinstein, os obstáculos inerentes à convicção que «o sexismo é um contínuo», na qual o autor detecta uma posição em realidade preguiçosa, que coloca formidáveis problemas à análise dos fatos. Essa convicção pseudo-explicativa, em que não se esclarece de todo como se poderia precisamente descrever um «contínuo», palavra mágica porém vazia, neste caso – assim como quando se pretende explicar que o ópio faz dormir em razão de sua virtude dormitiva – exerce uma função de censura. Pois ela é fonte de toda sorte de interdições, ainda mais drásticas do que aquelas impostas pelo moralismo mais rigorista, em torno da confusa noção de «cultura do estupro». Assim diversas obras, dos sonetos de Ronsard a *Blow up*, serão suspeitas, ou condenadas sem processo, de veicular uma tal «cultura do estupro», e estudantes de literatura rebelar-se-ão contra a inscrição no currículo de tais (pretensas) incitações à violência sexual. Isto se encontra na continuidade do que Laurent Dubreuil descreve nas universidades americanas como *trigger warnings* e *safe space*³², «reivindicações de reassseguramento psicológico» (entenda-se: de censura) que, explica Dubreuil, compreendem «*um direito a se abster, antecipadamente por princípio, a todo estudo julgado possivelmente não conforme a sua identidade.*»

O que conduzirá a situações de um absurdo político inominável, como no caso recente do mural antiracista na Universidade de San Francisco que o reitorado da cidade finalmente decidiu retirar³³. Peripécia particularmente instrutiva, pois mostra a que ponto, no caso, o combate *não é* contra o racismo, mas sim pelo culto obstinado da identidade, absoluto face ao qual a história e o mundo não contam finalmente para nada. Desmascarada assim a impostura do «antiracismo» anunciado.

Seguindo as direções esboçadas brilhantemente pelo ensaio de Laurent Dubreuil, levantamos aqui a hipótese, quanto à questão das «sensibilidades feridas» e das censuras que estas pretendem justificar, que o terreno foi largamente preparado durante os últimos anos no campo das reivindicações religiosas, pela transformação da acusação de blasfêmia em ofensa à sensibilidade dos crentes, como demonstrou admiravelmente Jeanne Favret-Saada em sua obra *As sensibilidades religiosas feridas*³⁴.

Investigando na Europa e nos Estados Unidos, de 1960 a 1988, as impressionantes mobilizações orquestradas por devotos do cristianismo visando obter a censura de quatro filmes (*A Religiosa*, de Rivette, *A Vida de Brian*, dos Monty Python, *Eu vos saúdo*, *Maria*, de Godard, e *A última tentação de Cristo*, de Scorsese), Jeanne Favret-Saada mostra como, em nossas sociedades laicas, a acusação de ofensa aos sentimentos religiosos - descrita pelos queixosos como um «racismo» – substituirá pouco a pouco a acusação de blasfêmia. As convicções religiosas são assim apresentadas, segundo ela, como ideias «às quais seríamos apegados com

³¹ À obra nos casos que evocamos no início, *As Suplicantes* e *Kanata*, com os quais L. Dubreuil conclui seu livro.

³² Desencadeadores de traumatismo, espaços seguros. Ver DUBREUIL, L. *op. cit.*, p. 83 e seguintes.

³³ <http://www.slate.fr/story/180597/san-francisco-fresque-antiraciste-censuree-antiracisme-racisme-art-debat>

³⁴ FAVRET-SAADA, J., *Les sensibilités religieuses blessées*, Fayard, 2017.

todo nosso ser e com as quais, em resumo, estaríamos unidos ». Em consequência, fazem parte integrante de uma «identidade», que definem essencialmente. Ofendê-las de uma maneira ou outra seria então infligir à própria pessoa dos crentes uma agressão insuportável³⁵, diante da qual a liberdade intelectual e a liberdade de criação devem abdicar - e bem entendido o humor, ruína da identidade. Tornou-se um lugar comum: quem não ouviu, após os assassinatos dos jornalistas de *Charlie Hebdo*, que estes afinal nunca deveriam ter «ferido os sentimentos religiosos» dos crentes ? O aparecimento em 1988 dos *Versos satânicos* inaugurará a era das acusações islâmicas de blasfêmia, pontuada pelos sangrentos episódios que conhecemos. J. Favret-Saada, que dedicou um livro ao caso do *Jyllands Posten*³⁶, reimpresso com o acréscimo de um posfácio depois dos atentados de *Charlie Hebdo*, termina seu livro nesse ponto.

Se a maioria dos crentes não apoia, evidentemente, a violência dos assassinatos cometidos para defender a honra ultrajada de Deus ou de seu profeta, incorporada em cada crente, ela e a sociedade em coro reciclam, contudo, o achado moralista forjado pelos devotos do cristianismo para uso das sociedades secularizadas. A questão do «viver juntos» e da benevolência «inclusiva» que este exigiria - é um pecado contra o humanismo consensual ofender seu vizinho (= as convicções que formariam sua «identidade» profunda), *a fortiori* se pertencem a uma «comunidade oprimida» - vem aqui escamotear a questão do sentido da laicidade³⁷ - garantia da liberdade de consciência - , que passa então pudicamente ao segundo plano. Assim muitos crentes - e igualmente não-crentes - poderão sinceramente declarar-se adeptos da laicidade, *mas* ao mesmo tempo mostrarem-se convencidos que é errado «ferir as sensibilidades» religiosas. Tal é a análise precisamente documentada de Jeanne Favret-Saada.

Percebemos assim como o círculo se fecha. Essa laicização da blasfêmia - a blasfêmia para todos, em suma - passa, como demonstra Laurent Dubreuil, pela sacralização da identidade, nova religião revelada. A identidade, espécie de altar portátil integrado, poderá então ser declinada em tantas categorias quanto os signos improváveis evocados acima possam produzir, sob a marca sacramental do trauma fundador : « Isto é minha identidade », não toque no meu tabernáculo.

Identidades ultra-sensíveis que correspondem a dogmas ambulantes : intangíveis, a adorar na glória de seus estigmas e sobretudo a não blasfemar (ofender/ferir). Compreende-se pois que não é sem razão que, interseccionalidade *oblige*, o ódio da laicidade e a complacência para com as formas mais reacionárias das religiões tenham podido invadir o discurso das ciências sociais, como é atualmente o caso de uma boa parte da esquerda e da extrema-esquerda, senão convertidas a esse fundamentalismo identitário, ao menos extraordinariamente reverentes diante dele. Daí a «santa aliança dos obscurantismos e moralismos religiosos», escreve aliás L. Dubreuil, citando o post de um estudante muçulmano : « Vi muitas pessoas que simplesmente jogaram sua identidade no lixo em nome da laicidade, da abertura de espírito ou do liberalismo social.³⁸ » Da direita identitária e «anti-gênero» à esquerda tendência Jean-Louis Bianco

³⁵ Junta-se a isso, já que comemoramos estes dias os trinta anos do caso do véu das ginásias de Creil, a estranha ideia que a lei de 2004 que proscreeve os sinais religiosos ostentatórios na escola, equivaleria a querer «excluir as jovens» que os portam. O que significa então que o véu (recusado no interior da escola) estaria ligado «de corpo e alma» com a pessoa.

³⁶ FAVRET-SAADA, J., *Comment produire une crise mondiale avec douze petits dessins* (Les Prairies ordinaires, 2007) reedição Fayard, 2015.

³⁷ Ver sobre este ponto os excelentes comentários de Catherine KINTZLER, in *Penser la laïcité*, Minerve, 2014, p. 48 e seguintes, especialmente sua explicação luminosa sobre « o desenraizado, paradigma do cidadão ».

³⁸ DUBREUIL, L., *op. cit.*, p. 90.

(vertente mole) ou Danièle Obono³⁹ (vertente rígida) – sem falar da complacência da imprensa⁴⁰ de esquerda, particularmente quanto aos discursos vitimários/acusadores das « identidades feridas » –, existe uma comunhão com as diversas hóstias que circulam em um mercado identitário equipado de armas de intimidação massiva que funciona maravilhosamente bem, especialmente na área cultural, por mais que seja oco e insignificante intelectualmente.

É sem dúvida o sintoma mais alarmante e mortífero de todos. Atacada de todos os lados pelo sabre e o hissope identitários – pois os devotos da identidade não se enganam : sim, a arte é o espaço por excelência de liberação de suas prisões eriçadas de torres de vigia e de arame farpado – as obras no entanto, para quem aceita o encontro com seu poder de transformação, oferecem meios de resistir a essa asfixia mortal. Conclui-se assim o tônico e necessário ensaio de Laurent Dubreuil, em um elã de cólera e de liberdade de pensamento, sustentado por uma análise consistente, gratificante e demasiado rara⁴¹.

³⁹ Ver nesses últimos tempos as escaramuças na televisão e as controvérsias em torno das bem sulfurosas declarações de Henri Peña-Ruiz.

⁴⁰ Particularmente edificante durante a controvérsia sobre *As Suplicantes*, especialmente nos jornais *Libération* (por convicção interseccional majoritária) ou *Le Monde* (por jesuitismo ecumênico).

⁴¹ Esta obra encontra-se a mil léguas das aproximações e confusões de todo tipo, que só podemos lamentar, do recente livro de Isabelle BARBÉRIS, *L'art du politiquement correct*, (Puf, 2019) consagrado a questões próximas. Um livro cuja ambição intelectual considerável é inversamente proporcional à precisão e rigor teóricos que se devem esperar de um autor respeitoso da inteligência de seus leitores, mas cuja leitura infelizmente consterna.

Duas palavras de explicação. Sem método – a menos que o «sentimento difuso» (p. 30) que a universitária avança para justificar esta ou aquela afirmação não demonstrada seja um método –, seus desenvolvimentos em forma de *zapping*, passavelmente indigestos senão nebulosos, procedem por acumulação de generalidades (muitas vezes incompatíveis), afirmações sem nuance que somente parênteses sibilinos pretendem às vezes explicitar, utilização inflacionada do sufixo « ismo », e uma impressionante coleção de amálgamas excessivas.

Exemplo antológico : « A disputa do narrativismo (*linguistic turn*) [o inglês aparece a título de explicitação para o leitor ?] que opôs Hayden White e Carlo Ginzburg permite distinguir dois campos. ». Sem que Barbéris julgue útil precisar o objeto da controvérsia entre os dois autores – no caso, o negacionismo de Faurisson e as condições intelectuais de sua refutação, o que não é um simples detalhe –, ela prossegue colocando no primeiro «campo» (conceito curioso, neste contexto) narrativista de maneira desordenada, : Nietzsche, Lacan, Ricoeur (que ela parece confundir com o Roland Barthes de «O discurso da história», atribuindo ao primeiro a ideia que «não ha história, mas narrativas»), Veyne, e ... a mecânica quântica ! (do que nos desconcertar um pouco...)

Assim, sob pretexto que alguns desses autores refletiram, cada um de maneira específica, sobre as modalidades da narrativa histórica (o que fez também Carlo Ginzburg, Barbéris ignora isso ?), eis que negariam em coro, segundo sua «leitura» no mínimo apressada, a realidade histórica. O que é simplesmente falso. Terá verdadeiramente a autora outro tipo de conhecimento do que por ouvir dizer daquilo que evoca com a velocidade de uma visita ao Louvre em nove minutos, como no filme farsesco de Godard *Banda à parte* ? Parece duvidoso. De qualquer maneira enviamos o leitor perseverante a essa página de antologia (p. 135).

Mais adiante, no mesmo teor : « A noção de performativo opera uma revolução copernicana no campo linguístico, a colocar no mesmo plano que a invenção mais pou menos concomitante da cibernética e da linguagem numérica, pois a teoria linguística dos *performative statements* designa um processo onde o código produz a situação » (p.145). « Revolução copernicana» (sem explicação), é verdade que isso produz seu efeito. A (pseudo) teorização enfática não consegue entretanto dissimular a vacuidade e o absurdo dessa proposição confusa que, examinada de todos os lados, não significa... nada.

Mas, dir-se-á, Isabelle Barbéris é uma «aliada », implicada em causas importantes a serem defendidas – as mesmas que orientam as agudas análises conduzidas por Laurent Dubreuil em seu ensaio.

Para ler urgentemente e não se desesperar com a atualidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBÉRIS, I., *L'art du politiquement correct*, Puf, 2019.
DUBREUIL, L., *La dictature des identités*, Paris, Gallimard, 2019.
FAVRET-SAADA, J., *Comment produire une crise mondiale avec douze petits dessins*, Les Prairies ordinaires, 2007, reedição Fayard, 2015.
FOUCAULT, M., *Les Mots et Les Choses*, Paris, Gallimard, 1974.
FREUD, S. «Le Moïse de Michel-Ange» , *L'Inquiétante étrangeté et autres essais*, Paris, Gallimard, 1985.
FREUD, S., *Trois essais sur la théorie sexuelle*, Paris, Gallimard, 1991, p. 161.
FREUD, S., « Sur la psychogenèse d'un cas d'homosexualité féminine », *Névrose, psychose, perversion*, Paris, Puf, 1973.
GOFFMAN, E., *Comment se conduire dans les lieux publics* (1963), trad. Daniel Cefaï, Economica, Paris, 2013.
KINTZLER, C., in *Penser la laïcité*, Minerve, 2014.
PROKHORIS, S., *Au bon plaisir des « docteurs graves » - À propos de Judith Butler*, Paris, Puf, 2017.
ROTH, P., *La Tache (A Marca Humana)*, (2000), trad. Josée Kamoun, Paris Gallimard, 2004.
WOOLF, V. (1928) *Orlando*, trad. Catherine Papo-Musard (1993), Le livre de poche, 1982.

<https://ici.radio-canada.ca/espaces-autochtones/1509375/autochtone-identite-usurpation-lorange>

<https://ici.radio-canada.ca/espaces-autochtones/1512252/legitimite-autochtone-identite-philippe-meilleur-tanya-sirois-isabelle-picard-appropriation>

https://www.lemonde.fr/afrique/article/2019/08/25/fatou-diome-la-rengaine-sur-la-colonisation-et-l-esclavage-est-devenue-un-fonds-de-commerce_5502730_3212.html

https://www.liberation.fr/debats/2020/02/13/mila-la-sorciere-et-les-automates_1778315

<http://www.slate.fr/story/180597/san-francisco-fresque-antiraciste-censuree-antiracisme-racisme-art-debat>

Com a diferença apenas que ela parece não se importar muito com mostrar-se consequente sobre certas questões essenciais nessa matéria. Assim, em sua cruzada contra Mohamed Kacimi a propósito de sua peça sobre Merah, foi capaz, juntando um raciocínio passavelmente tortuoso a uma completa má fé, de criticar a *mise en scène* por ter procurado « esconder a origem » [étnica] fazendo atores europeus interpretarem os personagens árabes. (<https://www.marianne.net/debattons/idees/derives-ideologiques-du-spectacle-moi-la-mort-sur-mohamed-merah>). Eis aí do que nos deixar perplexos...

Não nos estenderemos mais aqui. Notemos simplesmente que trabalhos de tão duvidosa qualidade não contribuem à causa pela qual ambicionam brilhar.